



GESTA PRINCIPIUM POLONORUM: CULTURA E PODER NO MUNDO ESLAVO MEDIEVAL

Paulo Roberto Romanowski*

Universidade Federal do Paraná – UFPR

elwayv@bol.com.br

RESUMO: A legitimação por meio da literatura ocorre em diversos períodos históricos. Na Idade Média a literatura oficial utiliza as crônicas ou gestas como instrumento desse processo. Entre os locais que tal fenômeno ocorre, a Europa Central, também apresenta sinais dessa ação. O duque Boleslaw III da Polônia, na primeira metade do século XII, patrocina a produção de uma Gesta, a **Gesta principium Polonorum**, obra redigida por um monge entre 1112-1114, logo após um período de crise entre a monarquia dos Piastes e o Império. O texto latino recria a trajetória dos antecedentes de Boleslaw III, transformando-os em personagens mais cristãos e latinos, eliminando qualquer desventura que tenham passado. Tal ação evidencia a necessidade de remodelar a figura régia local, que tentava, com isso, manter o equilíbrio interno e externo, pois não sendo coroado pelo Papado, a mesma sofria com problemas de legitimação.

PALAVRAS-CHAVE: Idade Média – História da Polônia – Eslavos

ABSTRACT: The legitimation through by literature happens in several historical periods. In the Middle Age the official literature uses the chronicles or gestas as instrument of that process. Among the places that such phenomenon happens, the European Central, also presents signs of that action. The duke Boleslaw III of Poland in the first half of the century XII sponsors the production of a Gesta, the **Gesta principium Polonorum**, work written by a monk among 1112-1114, soon after a crisis period between the monarchy of Piastes and the Germany Empire. The Latin text recreates the path of the antecedents of Boleslaw III, transforming them in more Christian and Latin characters, eliminating any misfortune that they have past. Such action evidence the need to remodel the illustration royal place, that it tried with that to maintain the internal and external balance, because not being crowned by the Papacy, the same suffered with legitimation problems.

KEYWORDS: Middle Age – History of Poland – Slavs

* Mestrando em História da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Membro do Núcleo de Estudos Mediterrânicos na mesma instituição.

NON MEA SED VESTRA PERCIPITE
NON FABRUM SED AURUM
PERPENDITE,
NON VASA SED VINUM EBIBITE¹

(Anonimus, Gallu. Gesta principium
Polonorum – Liber primus – Epistola)

Galo Anônimo é um nome pouco conhecido pela historiografia medieval, devido à problemas políticos modernos. Porém, atualmente o autor da primeira obra, ou melhor, primeira fonte histórica polonesa, tem ganhado atenção dos medievalistas. Os esforços do Drº Paul W. Knoll em traduzir o trabalho de Galo Anônimo do original² para a língua inglesa, facilitou seu acesso por vários pesquisadores do âmbito mundial.

Antes de colocar e expor os aspectos da obra desse monge beneditino que a historiografia polonesa não conseguiu denominar, mas lhe dá o título de “gramático” dos poloneses, discorrerei sobre o que representa sua obra, seu contexto, para mostrar ao leitor que a cultura e política são elementos unidos e que o encontro de mundos e culturas não é uma guerra ou um binômio maniqueísta. Espero apresentar e instigar o leitor a refletir sobre como o novo surge dos momentos mais imprevisíveis das ações humanas, bem como conceitos sofrem mutações muito lentamente durante uma dos atos mais intrigantes do ser humano: a síntese de culturas.

A região da Europa Central situada entre os rios Odra e Vistula foi o berço de um povo que foi denominado de Polanos.³ Como outros povos eslavos, seu nome é quase obscuro antes do ano mil, momento que o sonho de restauração do Império Romano por parte dos reis germânicos fez os mesmos avançarem ao leste para tentar compensar problemas ao oeste. O mundo eslavo a princípio é visto como aliado e fonte de recursos, mas sua aliança é vigiada e aqueles que não abraçavam a fé ocidental sofriam as conseqüências disso.

¹ Teus e não meus são todos os méritos/ Teste o ouro e não o ourives que o trabalhou/Beba o vinho não a taça que segura.

² Título original: **Galli Anonymi cronicae et gesta ducum sive principium Polonorum/ Anonima tzw. Galla kronika czyli dzieje ksazat i władców polskich** . ed. Carolus/Karol Maleczynski, Monumenta Poloniae Historica, Serie Nova, Tomus II. Cracóvia: Polska Akademia Umiejętności, 1952.

³ Aqueles que vivem próximo aos campos, inverso de pomerâneo, aquele que vive próximo ao mar.

O sistema germânico de tributo ou vassalagem das tribos eslavas é definido pela historiografia polonesa como tendo seis objetivos: 1) – Manter o território dividido entre vários vassalos, para evitar a formação de um grande território; 2) Manter a intervenção do rei germânico sobre a sucessão da dinastia; 3) Aumentar a tributação e fazer o pretendente ao trono procurar a ajuda dos germânicos; 4) Exacerbar as rivalidades entre os vários grupos eslavos; 5) Interferir na criação de uma monarquia e de um reino unitário; 6) Prevenir o surgimento de uma Igreja independente, pois isso poderia proporcionar também a formação de um reino independente.⁴

Quando da chegada do Imperador Otão I, em 966, imbuído pelo sonho imperial romano na região dos polanos, estes eram governados pela dinastia dos Piastes (piastewac), família que tem sua origem análoga aos Carolíngios e aos Stuarts. Sendo oficiais do rei, acabam por ocupar o comando e estabelecer sobre seus antigos senhores uma nova hierarquia.⁵ A dinastia tem como seu chefe o Mieszko I, o qual tem essa denominação após a chegada do Império. Mieszko aceita a fé cristã para evitar problemas como as que ocorrem com seus vizinhos eslavos. A terra dos polanos recebe a denominação de ducado, e aquele grupo que tinha uma configuração praticamente tribal inicia sua latinização.

Mieszko I é um dos nomes da história polonesa mais aclamados pelos ufanistas, por ser o primeiro cristão e conseguir ganhos estratégicos no campo político. O mundo eslavo, como disse, se encontrava em uma situação de vigília, porém, problemas do Império com os reinos do Oeste vão abrir uma brecha para que os polanos de Mieszko I conseguissem ganhar “liberdades” e sua cultura se desenvolvesse de forma bastante intrigante.

Mieszko conseguiu se tornar um dos aliados mais importantes do Império na região, sua autonomia devido a certo abandono dos otonianos fez com que ele conseguisse subjugar territórios eslavos memores sobre seu poder.

Reinando durante quase todo o período otonino, o primeiro duque histórico da Polônia conseguira conquistar seus vizinhos pagãos na Pomerânia oriental e tentava tomar os Lusitanos em 967. Nesse momento Wichman, um dos inimigos de Otão I, se

⁴ MANTEUFFEL, Tadeusz. **The Formation of the Polish State**. The Period of Ducal Rule, 963-1194. Detroit: Wayne State University Press, 1982, p. 16

⁵ DAVIES, Norman. **God's Playground: A History of Poland**. The Origins to 1795. New York: Columbia University Press, 2004, p. 24. v. 1.

junta às tribos eslavas dos Obodritas, prometendo a eles acabar com a expansão polonesa e com a submissão imperial. Mieszko I acaba vencendo esta liga e ganhando mais ainda o respeito Imperial. Tal fato gera um dos primeiros tratados que provam a audácia diplomática do duque. Nesse tratado, ele, o duque, ficava encarregado da paz no Leste, e, em troca, o Império abriria mão da região da Pomerânia e receberia em troca um tributo anual, para provar a sua fidelidade.

Em 972 um margrave de nome Hodo, invade sem sucesso o reino de Mieszko I. A vitória sobre esse elemento germânico movimentou o Imperador ao ponto de trazê-lo a Quedlinburg. Aqui a parciabilidade do Imperador fica clara, Hodo é absorvido e Mieszko I é obrigado a deixar um filho na corte como prova de lealdade. Após esse evento, Mieszko percebe que necessita ter mais uma via de apoio, então envia uma mensagem a Roma, nela contendo um tufo do cabelo de seu filho Boleslaw, futuro Boleslaw I. Este ato simbólico coloca seu filho sob a guarda da Santa Sé. Provavelmente temendo que a sucessão de Otão I provocasse problemas para o seu reino, Mieszko I inicia a aproximação com Roma. Otão I morre, e Mieszko I e Boleslaw II de Bohemia se declaram a favor de Henrique, o Briguento, príncipe da Baviera, para suceder o Imperador. Porém Otão II é mais forte e vence. Os Tchecos acabam sendo reincorporados em 978, por meio de um tratado com Boleslav II. Com a morte da princesa Tcheca que desposou Mieszko, as relações entre esses reinos enfraquecem, e Otão II realiza a primeira campanha do Império de caráter belicoso nas regiões dos polanos.

Devido à forte resistência, o Imperador sofre derrotas, e, conjuntamente aos problemas com Lotário, na França, o reino polonês é deixado de lado por um tempo. Devido a esses confrontos, o Imperador desiste de tentar vencer o inimigo à força e faz um acordo casando Mieszko I com Oda, filha de **margrave** de Dietrich. Isso vai pacificar a relação polano-imperial, porém, a relação com Tchecos fica comprometida, inclusive até a própria invasão do Duque de Kiev em 981 é o que tudo indica um retalhamento, em nome de sua aliança com os Premislides.

Após a morte prematura de Otão II, a Polônia inicia um período diplomático e bélico extenso e complicado. Várias batalhas e acordos são feitos e desfeitos. As batalhas contra os Tchecos são intensas até a vitória de Mieszko I e seu filho Boleslaw em 990, quando os territórios invadidos pelos russos são retomados, e outros territórios são anexados, como é o caso da Eslováquia.

Esses recém adquiridos territórios foram consolidados rapidamente, para evitar problemas, e Mieszko decide procurar apoio fora do Império. Vira-se com isso para a Sé Apostólica, com a qual, anteriormente, havia estabelecido laços. Após sua campanha contra os Tchecos, Mieszko coloca toda a Polônia sob a proteção de Roma, com a esperança que a Cúria papal pudesse manter, com a sua ajuda, a preservação dos ganhos do duque. Também Mieszko solicita junto a uma Igreja independente na província o reconhecimento da Polônia como reino, para isso realiza uma doação da qual, mas, infelizmente, não existe registro material. Mieszko I é apresentado à corte como cristão em Quedlinburg, em 991, e, mais tarde, se junta a Otão III contra Brandeburg. Poucos são os relatos desse evento. Mieszko I morre em 992, deixando Boleslaw I, o Bravo, em seu lugar.

Continuando a meta de tornar os Piastes uma dinastia duradoura e integrada ao Ocidente, Boleslaw I enfrenta uma crise interna. Lembramos que até então o sistema tribal imperava, de forma que o príncipe era eleito devido a lacunas do período anterior a X. Não podemos constatar como foi o momento de transição antes de Mieszko, mas ao que tudo indica, a hereditariedade parece não ter sido aceita em algumas tribos, causando a necessidade de uma ação rápida e diplomática para evitar a divisão territorial. Além de focos internos de revolta, sabemos que a madrasta de Boleslaw e seus filhos também causavam problemas ao recém duque, bem como seus agora parentes, os germanos. Por meio de casamentos e divórcios a situação é contida em parte, O Império era obrigado a manter boas relações com o reino, pois era necessário para a defesa militar em Brandeburg. Oda, madrasta de Boleslaw I, foi expulsa junto com seus filhos, e possíveis adversários eram cegados.

O feito mais importante para a soberania dos Piastes é realizado no governo de Boleslaw I. Santo Adalberto, bispo em Praga, membro da família Slavnikovc que fora deposta do poder na região da Bohemia, foi morto na região da Prússia. A morte deste serviu como pretexto para que Boleslaw I conseguisse a tão desejada Sé Metropolitana para seu reino. A vida de Santo Adalberto diz que ele sentia-se desconfortável por ter um cargo tão alto na hierarquia da Igreja. Conta-se que ele tentou sair do cargo, para criar seu próprio monastério, porém, foi convencido a retornar ao seu posto pela Igreja. Atuava diretamente em Roma, exatamente no período em que Otão III havia passado a

ficar mais tempo na cidade italiana.⁶ Santo Adalberto e Otão III eram muito próximos, pois o jovem Imperador se via muito interessado pelas idéias de monges e ascetas, e ambos participavam das mesmas idéias, criando, assim, um relacionamento forte. Porém, Santo Adalberto não tinha como escapar das ordens da hierarquia da Igreja, mesmo sendo próximo do Imperador, por isso, assim foi enviado para as terras dos pagãos do Leste.

Santo Adalberto escolhe a Polônia como base de trabalho, pois sua terra natal, a Bohemia, estava nas mãos de membros adversários de sua família, sendo que alguns de seus familiares também se encontravam fugidos nestas terras da Polônia. Naquele momento Adalberto pede que Boleslaw I reforce a cristianização das terras que a Polônia retirou das mãos dos pagãos. Um importante passo para a aproximação com a hierarquia da Igreja é dado quando um mosteiro beneditino é fundado em 997. Naquela primavera uma expedição oficial parte para a Prússia, e, junto, vai Santo Adalberto.

O santo é morto e martirizado pelos pagãos da região da Prússia. Nesse momento, atenção do Ocidente volta-se para a Polônia pelo fato do Imperador sentir muito a morte do bispo. A dor é tanta, que Otão ordena a construção de um monastério em Aachen e solicita a canonização do mesmo. Boleslaw I age rapidamente, gasta muito ouro e consegue recuperar o corpo do mártir. Aqui uma das ações mais audaciosas da política polonesa ocorre, pois o corpo é recuperado e enterrado em solo polonês. Automaticamente uma carta é redigida à Roma, solicitando a criação de uma Igreja metropolitana na região em homenagem à presença do corpo do mártir.

Com isto, os Piastes conseguem a Igreja metropolitana e a manutenção das terras conquistadas e, Otão III acaba iludido passando a tornar os Piastes os verdadeiros governantes da Polônia. O Imperador realiza uma peregrinação até a tumba do mártir e ali inaugura a construção da catedral de Santo Adalberto, em Dezembro de 999. Gniezno recebe Gaudenty, irmão do Santo como Arcebispo, e ali, são criadas dioceses em locais estratégicos, como é o caso de Kolberg na Pomerânia pagã.

Com essa inauguração existe um pequeno movimento das antigas Igrejas contra o novo bispado, mas somente na primeira metade do século XI ocorreram problemas por causa dessa situação. Otão, então, renuncia a sua autoridade imperial sobre a Igreja na Polônia, o que incluía o poder da lei de investiduras e o direito de

⁶ GIORDANI, Mário Curtis. **História do Mundo Feudal**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 65.

determinar a organização eclesiástica nos territórios pagãos. Essa ação parece insensata, porém, devemos lembrar que Otão III era o Imperador do ano 1.000, época em que a insegurança e a necessidade de se apoiar na solidariedade do grupo para evitar uma danação possível era presente. Este fator, juntamente com a imagem de “Imperador messias”, provocou a brecha que o reino polonês precisava. Ao procurar constituir uma grande federação de reinos cristãos, o Império deixou que os grupos internos ganhassem aspectos de soberania total. Boleslaw I não precisava mais pagar tributos e, em uma cerimônia, Otão coloca sua coroa na cabeça do duque e o declara “amigo dos romanos” e “irmão e ajudante do Império”. Alguns historiadores vêem isto como um ato de favor entre o Imperador e seu vassalo., mas tal ato quebrou, no entanto, com os objetivos de subordinação dessas áreas em relação ao Império. A morte prematura do Imperador leva junto com ele a estabilidade política de várias áreas, pois a personalidade da política medieval faz com que tratados sejam rompidos com a morte de um dos integrantes do pacto. De novo a sucessão imperial causa embates entre os possíveis candidatos à coroa. Henrique da Bavária é um desses contendores ao trono e tinha o apoio de Boleslaw I, porque seu pai havia sido apoiado por Mieszko I. Durante a guerra interna em que o Império caiu, Boleslaw I realiza expedições para ocupar a Alta Lusácia e Meissen, regiões que eram de um dos inimigos de Henrique da Bavária, Eckhard.

Boleslaw I achava que a política germânica com Henrique continuaria igual e que, por estar apoiando diretamente a ele, teria vantagens maiores e poderia manter sua política de submissão de territórios eslavos. Porém, quando o novo Imperador assume, com o título de Henrique II, as promessas ao duque polonês se desmancham no ar. As conquistas prévias do reino polonês são reincorporadas aos germânicos. Para tanto, o retalhamento de Boleslaw é feroz: ataca as regiões Meissen, por meio da diplomacia e das conquistas; aproxima-se de grupos contrários ao Império; e consegue colocar sobre o seu controle as regiões da Bohemia. Henrique inicia seus ataques contra a Polônia um pouco atrasado devido a outros problemas externos, como o levante de Arduino de Ivrea, primeiramente enfrentado os aliados germânicos da Polônia, que se constituíam de membros insatisfeitos da família imperial. Rapidamente os apoios de Boleslaw são desmantelados. Durante essas campanhas, Henrique começa a criar divergências com seus pares, pois utiliza aliados pagãos contra a Polônia cristã. Esse contraste mais tarde provocará a diminuição da credibilidade dos Imperadores.

Finalmente, em 1018 um trato é feito em Bautzen, que é realizado por Henrique para diminuir a pressão que vinha sofrendo de sua corte por causa de suas incursões em territórios cristãos. Após realizar campanhas independentes em Kiev, restabelecer a ordem nessas áreas e acabar com um foco de possível ataque por parte de Jaroslav, Boleslaw finalmente dirige seus esforços para obter a coroa. Pois até então, a Polônia era vista como uma terra de duques – os Piastes eram para o Ocidente príncipes vassallos do Império.

O grande obstáculo para a obtenção da coroa era o fato de que Henrique II tentava diminuir a importância do tratado de Otão III com o reino polonês. Somente depois da morte do Imperador, em 1024, e, aproveitando a desordem que o Império se encontrava, é que Boleslaw obtém a coroa das mãos de João XIX. A coroação é uma cerimônia de grande importância para o Ocidente, pois com ela o monarca concretiza a unidade de seu poder, ou melhor, a legitimação de sua dinastia. Um rei coroado em Roma representa que as terras eslavas do Piastes eram agora um reino de uma casa real cristã. Os anos de 1025 a 1102 são considerados anos de declínio das conquistas do reino polonês. Não vou alongar-me sobre cada fato que constituiu o cenário de “calamidade” que se instalou na terra dos Polanos, mas pretendo apresentar somente os pontos mais importantes desse momento. A questão da independência do Império é ponto importante, pois, mesmo tentando conseguir certa autonomia em frente aos germanos, os Piastes não poderiam deixar de convergir em certos momentos com o Imperador. Pois, ser coroado somente era possível tendo pelo menos relações próximas. As derrotas que o Império havia sofrido no campo das ações, fizeram os sucessores de Henrique II manterem um patrulhamento dessas áreas.

A perda das conquistas foi decorrência das ações imperiais, das perturbações internas, das revoltas pagãs e do fim do reinado do Boleslaw I. Esse quadro enfraqueceu em muito a casa dos Piastes, que teve que reagir e procurar várias estratégias para manter-se no poder. O Império coloca adversário e cria discórdias entre os membros da corte e do poder local. Mieszko II enfrenta a perda dos territórios ganhos por seus antecessores, bem como invasões de vizinhos, sendo que a mais contundente foi a dos Tchecos que invadiram e pilharam as Igrejas, levando inclusive as relíquias de Santo Adalberto, fazendo a Polônia perder aquilo que dava independência à sua Igreja.

A perda das relíquias de Santo Adalberto, que foram levadas para Praga pelos Tchecos, não somente trouxe a perda de vantagens para a corte polonesa, mas também

fez a imagem de Mieszko II ficar debilitada. O custo da perda desse símbolo de autonomia foi a demonstração que a substituição do sistema tribal não vingou após a morte de Boleslaw I, quando Mieszko II perde as relíquias. Sua fraqueza faz com que grupos lancem-se de volta a seus costumes pré-cristãos, procurando substituir o duque. O paganismo ressurgiu, talvez, para tentar promover a substituição de um chefe fraco.

Após a morte de Mieszko II, ocorreu um interregnum que foi encerrado com a posse de Cassimiro I, o qual foi criado dentro da corte imperial, devido ao fato de sua mãe ser da família do Imperador. Mesmo na condição de fantoche do Império, seu pedido à Sé Apostólica para que as relíquias de Santo Adalberto fossem reincorporadas ao patrimônio da Igreja polonesa, não são atendidas, e o mesmo é quase excomungado por isso. Tal fato demonstra que a independência da igreja da Polônia pode ter sido um ato não desejado pela própria Sé, porém o que pode se constatar é a fraqueza de Cassimiro I. Poucas foram suas vitórias, mas no final de seu reino ele conseguiu diminuir seus problemas, entre eles conseguiu a paz com os Tchecos, ainda sim pagando tributo. O Império ganha em sua época poder e a hegemonia dos Piastes consequentemente enfraquece.⁷ Quando morre, em 1058, deixa a chamada “lei de **seniorate**”.

As leis de **Seniorate** geriam a forma da sucessão, fazendo com que o príncipe mais velho tivesse o poder de suserania no reino, deixando ao mais novo uma província independente dentro do reino. Entrem os príncipes temos duas figuras que são de destaque: Boleslaw II e Wladislaw Herman. Boleslaw II, o Temerário, surge na história polonesa como um sucessor à altura de Boleslaw I. Realiza campanhas que asseguram o território e aproveita a crise entre Henrique IV e Gregório VII para recuperar a coroa para os Piastes. Enquanto o Imperador e o Papa discordavam e lutavam em vários campos, uma monarquia ressurgia no Leste.

Conseguindo a coroa por meio da adoção das reformas de Gregório VII, Boleslaw parece tentar recuperar um pouco das ações de seus ancestrais. Curioso é que durante sua coroação, foi necessário trazer membros de outros episcopados para lá, pois a Polônia não tinha suficientes clérigos para a cerimônia. No mesmo ano, 1076, Henrique era excomungado em Canossa, iniciando o esvaziamento da noção de Império que Otão I inaugurou. A coroação provocou a insatisfação dos **seniorates** que temiam a

⁷ DIMSZEWSKI, Boleslaw. **An Outline History of Polish Culture**. Varsóvia: Interpress, 1983, p. 24.

volta da unificação das províncias, bem como uma exaltação dos que contrariavam as reformas gregorianas. Durante essas revoltas o nome de Wladislaw Herman surgiu como possível paladino. Cassimiro I somente não sofreu mais baixas por conseguir, por meio de acordos com os **magnatas**, concedendo-lhes vantagens dentro da administração real, mas isso custou para Boleslaw II sua estabilidade no poder, já que a aristocracia queria reis ou duques fracos.

Essa divisão, que ocorre na metade do século XI na sociedade polonesa, gera confronto e antagonismos entre os membros dos Piastes. Dividia entre os que queriam a monarquia e aqueles que queriam a fragmentação; os que apoiavam a reforma da Igreja gregoriana e aqueles que não admitiam sua existência. Pode-se dizer que esta novidade na organização da Corte polonesa promoveria conflitos e novas estratégias de poder na região. Ao lutar contra a conspiração, Boleslaw II caiu em uma armadilha maior, feita pelos membros contrários a ele. Ao enfrentar o Bispo de Cracóvia, Stanislaw, capturando-o e o matando, o Rei polonês caiu em desgraça perante a Cristandade. A execução do bispo resultou em uma desarticulação de seus oponentes em um primeiro momento, mas o jogo político fez com que Boleslaw fosse excomungado, as Igrejas foram fechadas e a região da polônia caiu em desgraça. Boleslaw foge para Hungria, onde morre misteriosamente.

A conspiração venceu e a dinastia dos Piastes esvaziava-se de legitimidade, seu novo líder, se assim posso dizer, era o fraco e incipiente Wladislaw Herman. Assume e logo seus decretos deixam claro sua posição de fraqueza. Quebra com a reforma gregoriana e renuncia a todas as aspirações de poder frente ao Império. Sem nenhuma aspiração dinástica, é casado com Judite, uma princesa Tcheca em 1080. O Imperador designa Wratislaw, rei da Bohemia, como rei da Polônia, mostrando que após a morte de Hermam a meta era destruir as aspirações locais e colocar em seu posto indivíduos mais próximos do Império, no caso os Tchechos, que pareciam ter sido absorvidos de forma eficiente pela máquina de transformação imperial.

Parece que Wladislaw estava cercado de um lado pelas aspirações do Império e por outra de um paladino de nome Sieciech, o qual já dominava a Corte ao ponto de ter os favores da segunda mulher do duque polonês, que era irmã de Henrique IV.

Wladislaw tem dois filhos Zbignew e Boleslaw. O primeiro é filho de uma nobre pomerânia e o segundo da filha do rei da Bohemia. Zbignew vivia em um mosteiro na Saxônia, até que um grupo de polanos que estavam na Bohemia o retirou de

lá e o colocou à frente da defesa contra Sieciech. Durante a campanha Wladislaw Herman morre (existem teses que teria sido envenenado), e a luta passa a ser, então, entre seus filhos e o paladino. Zbignew e Boleslaw unem-se para manter a sua dinastia viva, mesmo sendo ambos de sangue estrangeiro. Após vencer seu inimigo direto e cada um receber uma parte do reino, a situação de paz não chega a este. Ambos têm aspirações de controlar a Pomerânia, área que há muito incomodava os reis poloneses. Dois indivíduos de tendências diferentes, Zbignew um diplomata e Boleslaw um guerreiro criado na corte de cavaleiros. Tenta-se fazer um trato de aliança entre eles, porém, cada um acaba se aproximando de um grupo. Zbignew quebra o tratado e tenta com a ajuda de Henrique V, ser o único no poder. Porém todos os seus esforços são em vão, visto que o Imperador é derrotado e ele aprisionado. Boleslaw cega seu irmão, que morre em seguida, o que quase gerou uma excomunhão. Tomando o título de Boleslaw III, esse monarca de mentalidade guerreira tenta manter a hegemonia dos Piastes nesse período, que Tadeusz Manteuffel designou de “Período Ducal”. Uma época rica na produção cultural e um momento de desenvolvimento das monarquias nacionais, na qual o rei ganha a força e o Império se transforma em lenda; é o início do século XII.

O reinado de Boleslaw III inicia em período que o mundo polano já não era mais aquele de tribos, a figura regia tinha de passar a dialogar com grupos diferentes, a corte real que se formava era agora uma mescla entre latinos germânicos cristãos e eslavos latinizados. O rei polonês para se adaptar teria de usar os meios de seus contemporâneos. Aqui surge a figura de Galo Anônimo. O reino polonês entrava no século XII não mais como um desconhecido, mas um protagonista, ainda meio exótico, na história européia. Como reino europeu, a Polônia não fugia do padrão de outros reinos recém cristianizados. Entre as novidades que o Leste havia recebido, além da fé e da organização política, estavam os novos instrumentos de manutenção do poder. Um deles é a literatura, ter um texto contando e descrevendo a vida de um rei, de um imperador ou de um santo, sempre foi recorrente na História da humanidade, porém essa tradição tão remota na História aparece na região dos polanos pela primeira vez na corte de Boleslaw III.

No entanto neste período de formação de novas monarquias, que precisam ocupar os vazios que o desmoronamento dos Impérios deixou, as sociedades passam a ter na figura do rei um equilibrador do grupo. Mas como tornar essa novidade atrativa

para uma sociedade que, neste período, valoriza a tradição? A solução era voltar seus olhos para o passado e convertê-lo em legitimador daquele novo presente.

Um novo instrumento literário de legitimação dinástica ganha força nesta época – a Crônica e a Gesta. A literatura como instrumento político chega à Polônia durante o reinado de Boleslaw III; o primeiro relato histórico em língua latina é escrito por encomenda do Piaste. Foi Galo Anônimo quem realizou a primeira Gesta Polonesa, a qual recebeu o nome de Gesta principium Polonorum (GpP). Sua importância na historiografia polonesa é enorme, uma fonte narrativa e descritiva que serve de base para diversos tipos de abordagens históricas, entre elas para entender como foram as influências literárias latinas na região, passando pela figura do rei e chegando até como bandeira do ufanismo pós segunda Guerra Mundial.

Boleslaw legou o primeiro objeto cultural de cunho legitimador na Polônia, pretendo observar nesse seu legado a figura que o mesmo tenta construir de si, demonstrando que como o restante da Europa, o reino polonês também teve crises políticas, que fizeram seus líderes ou pretendentes ao poder movimentar o aparelho cultural em prol de sua dinastia. O rei polonês não somente procura a continuidade de sua casa, mas parece querer ser o herdeiro e a grande síntese de seus antecessores, ou em outras palavras, o “marco zero” da história dos Piastes. Prova disso é a necessidade de Galo Anônimo utilizar frases completas do **Gênese** para evocar o nascimento de seu patrocinador no final do primeiro livro. Boleslaw é a gênese da grandeza e do poder na região.

Boleslaw possui um problema político sério, desde os problemas entre os Piastes e o Império, a casa real polonesa nunca mais conseguiu o título de Rei. A coroação nunca mais aconteceu, o Império, ainda que debilitado evitou que a coroa fosse dada à Polônia novamente. Galo Anônimo tem como missão amenizar esse problema. A passagem que destaquei no início desse artigo representa o ideal do autor. Os Piastes eram nobres pelos seus feitos, não por cerimônias. Os Piastes, apesar de não serem reis coroados pela Santa Sés, deveriam ser vistos como legítimos, não por uma cora, mas pelas suas atitudes. Ao visitar os antepassados de Boleslaw o monge cria símbolos de poder, os quais existem desde Siemovite, duque praticamente mitológico. Que ascende ao poder, graças a uma visita divina que seu pai recebe de estranhos, que

dizem: “bene, inquit, nos advenisse gaudeatis et in nostro adventu bonorum copiam et de sobole honorem et gloriam habeatis”.⁸

O plano secreto de Deus para os Piastes era que o filho do primeiro Piaste, um simples camponês, chegaria ao poder por seus feitos, não por um cerimônia grandiosa. A história relatada no primeiro livro, conta que o filho do primeiro Piaste e o filho do duque Popiel, o então chefe dos Polanos, teriam suas cerimônias de tosa, um ritual pagão que servia para apresentar a criança à comunidade, uma espécie de “batizado”, no mesmo dia. A diferença é óbvia, o duque teve um banquete e os filhos dos Piastes não, mas por terem uma atitude de acolher os estranhos, expulsos das comemorações do filho do nobre, sua cria iria ser venturosa. A função que Galo Anônimo realiza na casa dos Piastes é análoga à de Geoffroy de Monmouth, que apropria as lendas celtas, como a do Rei Arthur, para legitimar a dinastia anglo-normanda na Inglaterra do século XII. Porém diferente destes, os Piastes não estavam chegando na região, mas as mudanças que o Império trouxe fizeram a casa real ter de se recompor, então o que o escritor de Provença faz é readequar a história dos poloneses ao novo imaginário que ocidente tinha do que seria um rei.

A gesta foi escrita no período de 1112 a 1114, retrata em seus três livros o percurso da formação dos Piastes, tal obra é escrita por Galo Anônimo não como um simples exercício. Mas porque em suas palavras a **et ne frustra panem Polonie manducarem**⁹ que a Polônia era um **fasti indignos annalibus iucatis, regnum Polonie** bem como um reino **procul dubio quisbuslibet incultis barbarorum**.¹⁰

Bárbaros eram os demais reinos, pois não tinha história. Mas aquela região eslava era diferente, pois como romanos, os polanos tinham quem imortalizasse seus criadores nas páginas da História, os Piastes, que eram tão nobres quanto qualquer outro nome da história clássica. A exaltação da idéia de reino é recorrente, apesar da situação de proibição da coroação pela qual a Polônia passava. A importância da região para a História é criada pelo escritor em vários trechos, por exemplo, quando cita a lenda de Mieszko I, que teria ficado cego durante sete anos, até que no seu sétimo aniversário

⁸ Tu serás feliz verdadeiramente por nos termos vindo, e nossa chegada trará a ti abundância de coisas boas, e honra e glória em tua cria.

⁹ Não comerei pão polonês em vão.

¹⁰ A Polônia era algo valoroso a ser gravado nos anais da história, um reino nobre em entre terras barbaras.

recuperou a visão. Tal descrição prepara o imaginário coletivo para entender que Mieszko I, o primeiro cristão dos Piastes, tinha um destino divino, tão divino, que foi ele que trouxe a Polônia para o Ocidente. Antes de qualquer cerimônia a nobreza já existia na casa real polonesa.

Um dos pontos mais curiosos da obra está no momento que ao descrever a morte de Boleslaw I, considerado pelo autor um “pai fundador” em seu canto de pesar no primeiro livro diz: **Latinorum et Slauorum** choravam pelo rei. Passagem de acumula ainda mais na análise do texto, pois percebemos que a obra é direcionada não somente a eslavos, mas latinos. Talvez aqui a máquina cultural tente produzir a idéia de uma hegemonia dos Piastes sobre todos. A época de Boleslaw III, como já foi citado, é um momento diferente, onde o elemento latino – germânico se encontrava junto aos grupos dirigentes – e então abusando da memória, Galo Anônimo mostra às cortes que desde o início os Piastes são homenageados por todos, inclusive os “estrangeiros”. Em sua obra o próprio autor diz que deveria ser recitada em todas as **in scoli vel capitoliis recitate**,¹¹ provavelmente locais onde uma já transformada nobreza reunia-se.

O que o texto parece fundamentar é que os Piastes são necessários às cortes locais. Quando mostra a perda de Boleslaw I, parece tentar incutir a idéia de que por mais autônomos que sejam todos precisam manter respeito pelo marco fundador da nobreza, ou seja, toda elite diretiva era bombardeada pela propaganda dinástica, que produzia o imaginário de que os Piastes eram parte integrante e nuclear de toda a nobreza. Um dos pontos do texto que reforça isso é durante a descrição do avanço de Boleslaw III sobre os Pomerânios no livro segundo, capítulo trinta e três. Durante as comemorações da consagração de uma igreja em território ainda em grande parte pagão, Boleslaw é cercado em uma armadilha durante uma caçada em um bosque, durante essa batalha o mesmo resiste, quando tenta, mas uma investida contra o inimigo, um cavaleiro no chão grita a ele: “Noli, inquit, domine, noli iterum prelidium introire, parce tibi, parce patrie, equum ascende meum, melius est hic me mori, quam te ipsum, Polonie salutem interire”.¹²

Além de consagrar a imagem de filho de marte, isto é de guerreiro, condição **sine qua non** para ser aceito entre a nobreza européia do medieval, essa passagem

¹¹ Escolas e capitólios.

¹² Não meu senhor, não se junte de volta a batalha. Salve se, salve seu país, monte meu cavalo, é melhor que eu morra aqui agora por você, a salvação da Polônia não pode perecer.

confirma o que Boleslaw queria ser; o nobre morre por ele, mas somente o faz por ver nele a fonte do poder nobre. Trechos como esses são polêmicos por trazer a palavra *patria*¹³, porém não podemos dar a nossa conotação moderna dessa palavra a um texto escrito no século XII. *Pátria* aqui serve para exaltar a condição de marco que o Piaste representa para a sociedade de seu momento. A montagem de Galo Anônimo faz parece demonstrar que a discussão sobre a personalidade da monarquia está em seus escritos

Observa-se uma ação de incorporar ao texto autores e filósofos clássicos do mundo greco-latino que discutem os atributos da monarquia, como Salústio, Cícero, Aristóteles. Boleslaw se diz ser a Polônia, como Alexandre foi entendido como sendo a monarquia. Parece ser uma ação do autor de dar a mesma importância à figura do Piaste, o corpo do rei recebia, para o autor, a função de ser, para aquela região, a personificação do poder. Esses jogos de imagens que o autor faz, demonstram mais uma característica do texto, além de retornar no tempo e mudar os fatos que ocorrem como nos textos de Fernão Lopes a passagem da narrativa para uma narração,¹⁴ o presente é contado com algumas interpolações e às vezes críticas a seu patrocinador. Quando o narrador vê o ato hediondo que seu “anfitrião” comete, cega o próprio irmão. A crítica é feita, mas mesmo sabendo e presenciando que isso poderia resultar em uma excomunhão, Galo produz, ao bom estilo imperial, um ato de fé para Boleslaw.

No capítulo vinte e cinco um dos mais longos da **GpP**, a purificação do duque ocorre lembrando uma via cruzes, a qual é acompanhada por todos, inclusive pagãos. Boleslaw vai até o mosteiro de St. Giles na Provença,¹⁵ cantando salmos e andando a pé, recebendo de todos admiração, inclusive do rei da Hungria. Distribui presentes a todos, mais uma vez os símbolos do poder estão nele. A distribuição dos bens, a capacidade de humildade e redenção faz dele alguém que todos têm de respeitar. Após a morte de Zbigniew, o cronista descreve mais algumas batalhas e pára seu texto, dizendo que dali não contaria mais nada. Talvez as ações presenciadas fossem muito duras para o monge e em 1114 termina subitamente seu trabalho.

¹³ Na versão latim do texto *patrie*. **Nota do Autor**

¹⁴ GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Estudo das Representações de Monarcas nas Crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV): O espelho do Rei: “Decifra-me e te devoro”**. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004, f. 7.

¹⁵ Local de onde Galo Anônimo deve ter realizado seus estudos. **Nota do Autor**.

Legitimação e Ideologia são palavras comuns ao léxico do historiador. E compreender como essas duas palavras aparecem na História é algo recorrente na sua profissão. A legitimação é uma ação que tem sua incidência verificada em várias épocas e em diversos pontos do Ocidente e do Oriente. Sua utilização é apreciada por instituições, partidos, indivíduos, famílias e soberanos. Para tanto, os instrumentos de legitimação podem variar de acordo com a época e a extensão que estes têm de alcançar, desde uma simples escultura em local público até a revisão e alteração do passado de todo um grupo. A criação de Ideologias está atrelada a essa mudança, que se dão quando se produz uma nova visão do passado, um “novo marco zero”, ou se reinventa o passado para que o presente não se sinta órfão. Dar ao presente uma ligação ao passado, mesmo sendo o presente algo diferente, é um instrumento que visa que a geração presente não questione, e aceite seu novo futuro, ou seja, que todos tenham uma memória e uma prática comum. Tal prática é visível em períodos distantes da história. A história humana é cheia dessas “fabricações de realidades”. As casas reais desde períodos remotos da civilização têm aproveitado para reconstruir o costume por meio da história e da memória.

A Época Medieval é, segundo Le Goff, marcada pela referência ao passado e à tradição onde a inovação era vista como um pecado.¹⁶ Para manter essa tradição ou talvez refazê-la sem pânico ao grupo, os comitentes ou patrocinadores das mudanças recorrem a vários artesãos da cultura, e um dos objetos culturais utilizados para a difusão de idéias é a literatura. A gesta e a crônica são composições literárias típicas do medievo, visto que elas possuem um alcance limitado no período medieval, mas a qualidade de seus receptores compensa seus ouvintes ou leitores que geralmente fazem parte da elite diretiva. Realizando a sua propaganda cultural entre esses grupos, o patrocinador conseguiria manipular o ateliê cultural em seu benefício.¹⁷

“A história cultural se propõe observar no passado, entre os movimentos de conjunto de uma civilização, os mecanismos de produção de objetos culturais”. Le Goff define a função do historiador da cultura como a ação de observar nas bibliotecas, museus, palácios, o que era considerado importante e digno de ser relatado e imortalizado. As obras de arte são quebra-cabeças que para serem montados precisam

¹⁶ LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, 1984, p. 89

¹⁷ DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: Do amor e outros ensaios**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 126

de um trabalho de levantamento de seu ambiente de arquitetura. Aby Warburg nos diz que devemos ver a relação entre o comitente e artista, para podermos ver qual a finalidade que um objeto cultural tem. A obra de Galo Anônimo nos mostra a novidade que tenta não ser nova, pois com Jacques Le Goff coloca o novo não é bem visto no medieval, nesse momento, em que o Império perde poder efetivo, mas ganha o imaginário dos reis, a monarquia eslava realiza seus primeiros atos de autonomia política. O comitente aqui tenta se tornar o marco zero da história dessa região, o que o artista faz é tentar produzir os meios teóricos para que isso aconteça. A meta do monge é fazer o novo ser algo tradicional e indispensável para o equilíbrio da sociedade.

Aby Warburg entende que uma obra de arte depende de seu comitente, da literatura ou outra influência artística que rodeia a sua sociedade¹⁸. O fim político ou de exaltação do artista depende de sua situação. Luís XIV foi retratado, esculpido e cunhado na França, não por gosto, mas para representar o, então, emergente Estado Moderno. Em seu livro a “Fabricação do Rei”, Peter Burke fala de Luís XIV e reconstrói a imagem do rei utilizando autores políticos que alegavam que o rei deveria representar toda a sociedade.¹⁹ Na época medieval, principalmente no século XII, época em que o Império sofria problemas com o Papado e as monarquias nacionais começavam a crescer, os governantes locais passavam a ganhar atributos maiores, tornando-se pontos de equilíbrio da sociedade. É especulado que a idéia de que no séc. XVII o rei devesse representar toda a sociedade, podemos talvez observar que no século XII essa idéia poderia ser invertida, onde o rei seria o modelo para a sociedade, ou seja, sua imagem. Imagem esta que não poderia divergir do imaginário do que seria um rei, pois se tal nobre não tivesse os atributos comuns que sua corte esperava, ele provavelmente não conseguiria manter sua hegemonia. Os Piastes ficam sem poder realizar a legitimação pela coroação, e, então, passa a tentar mostrar o seu grupo que a cerimônia não importa o que importa são os atos.

Em suas páginas o monge trabalha os conceitos de personificação do poder, de liberdade, de História e de legitimidade. Apoiado nos clássicos, o autor dá ao corpo do rei atributos, como a de Boleslaw III ser a própria Polônia, uma metáfora igual à usada

¹⁸ WARBURG, Aby. **O Renascimento do Paganismo Antigo**. Tradução livre de Cássio da Silva Fernandes – Universidade Federal de Juiz de Fora. Texto original contido em *La rinascita del paganismo antico*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1996, p. 7.

¹⁹ BURKE, Peter. **A Fabricação do Rei: A Construção da Imagem Pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994, p. 21.

por Alexandre Magno, o que representa nos textos clássicos, segundo a professora Arminia Lozano, a tentativa de personificação do poder régio. Boleslaw III trará a liberdade à Polônia, expressão que segundo, Norma Davies e Tadeusz Manteuffell, significa um símbolo da legitimação, algo que daria aos Piastes a possibilidade de poder se dizer o produtor das leis, da tradição. Tais expressões são manipuladas no século XX pela historiografia polonesa, a qual muda seu sentido, passando a gesta para mais um elemento que fomenta o ideal patriótico. O patriotismo é muitas vezes um obstáculo para a História.²⁰ Observando a análise de trabalhos como os de Tadeusz Sulimirski, Piotr Górecki, Stanislaw Arnold e Marian Zychowski, Boleslaw Dimszewski e M. Luzscienski vemos que tal elemento existe no discurso da historiografia polonesa. A procura da significação dos grupos Eslavos na História europeia, bem como a necessidade de sanar as feridas causadas pelos eventos da metade do século XX na região, influenciou muito a produção de trabalhos no leste europeu.²¹ O texto da *Gesta principum Polonorum* não foge dessa realidade, pretendo demonstrar que a obra sofre anacronismo por parte dessa historiografia. Poderia, com um estudo mais específico, demonstrar que o leste europeu não é uma região “oprimida”, mas um agente histórico que participa da realidade europeia cristã latina como ator, e não como espectador. Tal abordagem não diminuiria a “nação”, mas a traria para perto da abordagem científica.

Ao conseguir produzir um texto com características e conceitos tão distantes da tradição local, Galo Anônimo demonstra que a História não é um luta, mas um jogo de sujeitos que, a cada partida, reescrevem as regras, fazendo a partida seguinte cada vez mais de acordo com a experiência dos jogadores.²² Imperadores e Piastes jogam no campo cultural, mas nem um, nem outro ganham, pois não há como vencerem, já que a cada ação existe a apropriação de elementos do pseudo-derrotado, fazendo a disputa não ter fim, mais produzir ganhos multilaterais. O pavor de não ser autóctone que circula pelos textos poloneses, mas para se rebelar das feridas recentes, deve ser confrontado com a abordagem da síntese cultural, demonstrando que o início da política polonesa, não é indigno, mas sim um momento de grande criação de novidades.

²⁰ BURCKHARDT, Jacob. **Reflexões sobre História**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1970, p. 19.

²¹ DVORNIK, Francis. **The Slavs in European History and Civilization**. New Jersey: Rutgers University Press, 1988, p. 20.

²² Cf. HUINZINGA, Johan. **Homo Ludis**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Por este motivo escolhi trabalhar a fonte polonesa no âmbito do político-cultural, pois a síntese entre a civilização ocidental latina imperial cria na terra dos eslavos uma situação que faz analogia a dos gregos e romanos, que se mesclam para produzir a novidade. A síntese de povos é, talvez, um dos grandes momentos da História da Humanidade. Arnaldo Momigliano realizou a tarefa de estudar o encontro de gregos e romanos no campo cultural e demonstrar a síntese histórica com gênese da própria idéia de civilização, ao apontar que a historiografia surge da junção dos povos da Antigüidade.²³ Cria uma forma de pensamento histórico que poderia substituir esse nacionalismo o qual obscurece a historiografia polonesa, fundando bases teóricas quais poderiam equilibrar as perspectivas sobre o medieval polonês, e transformando a época de Boleslaw III em um momento de produção da significação do que foi o mundo eslavo no medievo. Os Piastes sofrem os mesmos medos que os grupos romanos da época da transição entre a República e o Império. Para tentar manter se como bases da sociedade, utilizam o que receberam no jogo contra o Império. Terras que nunca tiveram Senado ou Pólis tentam se afirmar reconstruindo a tradição. Os Piastes queriam ser o Senado e a Pólis que os polanos nunca tiveram. Isto é, a base da própria forma de História, sendo o pilar de sustentação da civilização polonesa daquele momento.

A ciência tem como grande meta procurar analisar os mais vastos campos, buscando responder as mais variadas questões, para tanto, o mundo eslavo merece a atenção da ciência histórica, pois faz parte desse momento de fusão, onde a cultura latina avança até as regiões mais desconhecidas realizando aquilo que faz com que possamos nos dizer agentes históricos – a mutação, a transformação e a novidade. Abordar Galo Anônimo é abrir mais um caminho sobre como funciona a ação humana.

Para finalizar gostaria de parafraseando Arnaldo Momigliano: a Idade Média não criou apenas uma forma de História, mas criou várias formas de História. Que somente uma abordagem múltipla da historiografia pode fazer a História entender cada um dessas formas.

²³ MOMIGLIANO, Arnaldo. **As Raízes clássicas da Historiografia Moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: EDUSC, 2004, p. 21.